

Campos ironiza novos liberais

Senador considera Covas "má companhia" na estrada de Damasco dos liberais conversos

JOSÉ NÊUMANNE

Até quarta-feira da semana passada, o senador Roberto Campos (PDS-MT) se definia com um "solitário liberal". Depois de 28 de junho, passou a se dizer "em má companhia". Com um agravante: "A estrada de Damasco está congestionada, tantos são os novos conversos ao Evangelho liberal com o mesmo vigor, pelo menos literário, do apóstolo Paulo ao se converter ao cristianismo". Na quarta-feira, 28 de junho, o senador Mário Covas, candidato a presidente da República pelo PSDB, fez uma longa profissão de fé liberal, ouvida por Roberto Campos pelos alto-falantes do Senado.

O senador mato-grossense jura que não foi consultado pelos tucanos e não lhes informou sobre a argumentação mais adequada na defesa das teses liberais. Mas se apressou ontem em dar "as boas vindas ao novo capitalista". Com uma condição: que agora ele passe a liderar um esforço de emendar a Constituição, "predominantemente estatizante, tornando-a mais liberal". Ironias à parte, o ex-ministro de Planejamento do governo Castelo Branco não considera a conversão do neoliberal Mário Covas sincera.

DÚVIDAS

"Já duvidava muito da sinceridade do senador Mário Covas, mas agora minhas dúvidas aumentaram", disse Campos. E explicou por quê: ele viu a entrevista do candidato tucano no



Carlos Ruggi/AE-16/4/89

Campos: "A onda liberal está destruindo o comunismo"

programa *Crítica & Autocrítica*, da TV Bandeirantes, domingo à noite, e percebeu, no novo discurso de Covas, "traços subconscientes de suas velhas prisões ideológicas".

O senador tucano defendeu, por exemplo, "uma economia de mercado socialmente controlada", uma contradição em si mesma, segundo Campos. "Afinal ou há economia de mercado ou há controle social. Uma coisa contradiz a outra", explicou.

O candidato do PSDB repetiu, na televisão, que o capital estrangeiro deve desembarcar em solo brasileiro de acordo com o interesse nacional, uma tautologia, na opinião do sena-

dor pedessista. Mas Covas acrescentou que o governo deve selecionar o capital a entrar. "Esta seria a negação da soberania do consumidor. O capitalista seleciona o mercado onde deve investir e corre o risco. Se seu produto for aceito pelo consumidor, prospera. Caso contrário, quebra. O único padrão dele deve ser o consumidor. Na visão do senador Mário Covas, o governo tira do consumidor esse direito e passa a exercê-lo, como já acontece na reserva de mercado da informática, por exemplo", argumentou o ex-ministro do Planejamento.

ONDA LIBERAL

O senador Roberto Campos está impressionado com o con-

Diário da campanha

O ex-ministro Aureliano Chaves, candidato do PFL, não quer mais ter seu nome ligado ao governo Sarney. Inconformado com o tratamento dado pela imprensa a seu pai, o filho do candidato, Antônio Aureliano Chaves, partiu para o ataque: "Por que vocês insistem em chamar meu pai de ministro?", indagou ele a jornalistas. "Ele também foi governador e este é um cargo muito mais importante", acredita.



gestionamento de tráfego na estrada de Damasco do liberalismo, durante a campanha presidencial. "Paulo Maluf é privatista desde criança. Guilherme Afif, nem se fala. Aureliano Chaves só fala nisso. Collor de Mello falou mal da reserva de mercado e bem da privatização. O guru de Brizola, César Maia, virou um monetarista ortodoxo. Até o dr. Ulysses aderiu. Agora só falta abrir o jornal e descobrir que Lula está defendendo o 'capitalismo do povo' e considerando a luta de classes obsoleta", descreveu Campos.

Para o senador mato-grossense, a campanha presidencial está apenas reproduzindo no Brasil a moda internacional. "A onda liberal está destruindo o comunismo. Estamos vivendo a era da reabilitação do liberalismo. Nos anos 60, todos eram keynesianos. Hoje, somos todos liberais. Antes, eu estava sozinho na estrada de Damasco. Agora, há excesso de companheiros na viagem", concluiu.